O ESPAÇO E A EVOLUÇÃO DA PAISAGEM DA RIBEIRA LIMA, NO CONCELHO DE VIANA, DESDE MEADOS DO SÉCULO XVIII

Fabíola Franco Pires CITCEM/FLUP fabiolafrancopires@gmail.com

Resumo

Neste caso de estudo, a cartografia será utilizada como auxiliar à reconstituição espacial de uma paróquia inserida no espaço da Ribeira Lima, perto da foz do respectivo rio, onde as alterações das margens são constantes e as intenções de as regularizar para melhoramento da navegação frequentes.

Foi escolhida a Meadela (freguesia do concelho de Viana do Castelo) como caso de estudo, estando esta análise integrada na tese de doutoramento que estou a realizar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o título "Viver, Regar e Lavrar: o cadastro da propriedade comum e privada na Ribeira Lima dos séculos XVIII a XX", que trata das alterações espaciais na longa duração e de como a evolução da propriedade comum e privada desta região, associada à casa agrícola e seus terrenos anexos bem como às famílias que habitaram e utilizaram este espaço, contribuíram para essa transformação.

Com base nas várias cartas recolhidas da região, pretende-se analisar as alterações que ao longo do tempo se foram processando nesta circunscrição, identificando as principais âncoras espaciais presentes nas diferentes representações.

É através do cruzamento destas fontes com a cartografia histórica que se vai procurar traçar um caminho na evolução deste território ao longo do tempo, com apoio, sobretudo, da variação toponímica, do traçado das vias e do desenho da linha das margens, procurando compreender os motivos da sua alteração e tentando encontrar justificações para a configuração tão específica que este trecho de vale da Ribeira Lima nos proporciona.

Palavras-Chave: Ribeira Lima, Reconstituição da Paisagem, Cadastro

Abstract

In this study case, cartography will be used as an aid to spatial reconstruction of a parish in the space of Ribeira Lima, near the mouth of its river, in which the banks changes are constant and also the intention to regularize it, improving that way the navigation.

Meadela (in Viana do Castelo) was chosen as a study case, being this analysis integrated in the doctoral thesis conducted by me at University of Porto, Faculty of Arts, with the title "Living, Watering and Farming: common and private property in 18th to 20th century Lima Valley" which deals with spatial changes in the long term and how developments in common and private property in this region, associated with the farm houses, its lands and the families who inhabited and used this space, contributed to its transformation.

Based on the cartography collected in this region, we intend to analyze the changes over time, identifying the main spatial anchors present in different representations.

By crossing these sources with historical cartography, we will seek to chart a course in the evolution of this territory, supported mainly by the toponymical variation, the roads layout and the drawing line of the shores, trying to understand the reason for some changes and finding justifications for such specific configuration that this stretch of the Lima valley gives us.

Keywords: Lima valley, Landscape Reconstruction, Cadastre

1. Introdução

Inserido no contexto da tese de doutoramento em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cujo título é "Viver, Regar e Lavrar: a propriedade comum e privada na Ribeira Lima dos séculos XVIII a XX"¹, este artigo incide na importância da cartografia como meio para a apresentação mais perceptível de resultados, mas sobretudo como fonte de informação essencial à pesquisa, contendo uma

¹ Orientada pelos professores Inês Amorim e João Carlos Garcia.

panóplia de informação que nos permitirá reconstituir espaços num determinado período de tempo, comparando-os com outros .

O objectivo do uso da cartografia associada a outra documentação como a escrita, a fotografia e o vídeo, é compreender a organização espacial rural nos seus diferentes componentes, para um território específico, registando igualmente as mudanças na paisagem e os factores que as introduziram, seja no que diz respeito a vias de comunicação, parcelamento agrícola, construções, e desenho das margens.

Na sua generalidade, o tema desta tese prende-se sobretudo com o estudo do cadastro da propriedade agrícola, florestal e aquícola, partindo da sua unidade de exploração: a casa de lavoura (seja ela nobre ou camponesa), bem como a organização social e territorial gerada a partir dela. São de igual importância as propriedades comuns, como baldios e maninhos, e outras grandes áreas paisagísticas como salinas e ínsuas para a apanha do junco, estruturas participantes na vida económica destas populações. De destacar igualmente, a propriedade religiosa.

A água desempenha aqui um papel fundamental, não só na relação com estes elementos, devido à presença do rio e seus afluentes, como nas diversas manifestações construtivas representativas do esforço da população de a captar e conduzir para o abastecimento das casas e rega dos campos.

Será igualmente de especial interesse o surgimento e a dinâmica do minifúndio, tentando explicar a evolução ou involução da sua fragmentação, seja por razões como o crescimento demográfico, os modelos de transmissão do património, o controle de uma co-gestão de recursos, e os fenómenos de emigração/imigração.

O território eleito para este estudo compreende a Ribeira Lima, que como observa Leite de Vasconcelos corresponde à "sede do conjunto das povoações vizinhas do rio, ou numa ou noutra margem" (VASCONCELLOS, 1960, p. 58), estendendo-se desde a sua Foz, junto à cidade de Viana do Castelo até à aldeia do Lindoso (concelho de Ponte da Barca), do lado português, entrando aqui em Espanha, onde nasce no monte Talariño (província de Ourense).

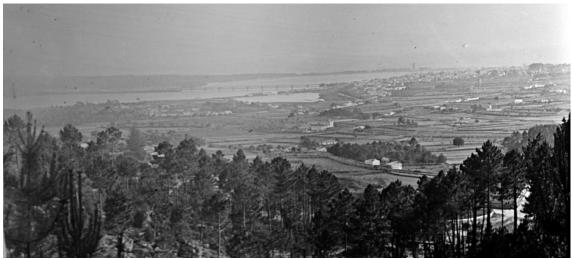


Fig. 1 – A Meadela no início do século XX. Foto de vidro da colecção particular de Luís de Abreu e Lima.



Fig. 2 – A Meadela em finais do século XIX (igreja paroquial e capela de Santo Amaro) Colecção particular.

Sendo este espaco tão extenso, optou-se por encontrar um caso de estudo dentro desta circunscrição que tivesse não só um universo documental de considerável qualidade, como albergasse em si características diferenciadoras de outras aldeias da Ribeira Lima (para além, obviamente, de ser representativa da organização espacial desta região). Escolheu-se, por isso, a freguesia da Meadela, no concelho de Viana do Castelo, sobretudo por razões afectivas, e daí a vantagem de existir um maior conhecimento no terreno, mas sobretudo pela qualidade do seu espólio documental, destacando-se as actas da Junta de Paróquia (com a repartição dos baldios em sortes) e do Arquivo Paroquial (com documentação relativa a propriedades eclesiásticas e contendas, compras e vendas para os séculos XVII a XIX); por ser uma excepção no que concerne à emigração durante o século XIX, sendo uma das três freguesias no noroeste português onde a tendência era Gibraltar e não o Brasil; por ter uma situação geográfica especial, tendo sido sede de antigas salinas e contendo propriedades com características únicas como a Ínsua Cavalar, semi-pública, cujo centro pertencia à Casa de Paredes e as extremidades aos lavradores da frequesias que as sorteavam de ano a ano para a apanha do junco; mas também por ser um território periférico a uma cidade em franca expansão, sofrendo desse impiedoso avanço construtivo que não teve em conta as estruturas agrícolas e de povoamento anteriores, e sendo por isso urgente registar o que está a desaparecer e reflectir sobre a intervenção que tem vindo a ser levada a cabo sem qualquer planeamento ou mesmo com algum bastante deficiente.

O período temporal engloba o século XVIII até a meados do XX, quando estas transformações começaram a ser mais efectivas, com o crescimento massivo da construção (nomeadamente a criação desorganizada de loteamentos para habitação e comércio) e a introdução de novas vias estruturantes como auto-estradas, que cortaram com as lógicas mais antigas de circulação, isolando muitas vezes núcleos, tanto habitacionais como agrícolas, que tinham tido anteriormente alguma importância. Centra-se sobretudo no século XIX, de forma a cobrir ocorrências locais e nacionais como a Lei dos Forais que reconheceu aos Concelhos poderes de administração sobre os baldios (1822), a implantação do Liberalismo (1834), a Revolta da Maria da Fonte (1846), a extinção dos vínculos da nobreza (1863), o Código Civil de 1867 (que introduziu alterações no modo de transmissão dos prazos de vidas) e, já no século XX, as variadas intervenções do Estado Novo no que concerne aos baldios, à (re)florestação, à fiscalização dos quarda-rios, etc., sendo iqualmente importante abordar a realidade na longa duração em termos de propriedade, desde que dela há notícia, bem como a situação actual. O século XVIII introduz, por sua vez, um ponto de situação do que se passava no Antigo Regime, estando disponível para este período, no caso desta freguesia, uma extensa documentação relacionada com os tombos de propriedade da paróquia, algumas descrições espaciais e sentenças judiciais de propriedade (através do Epílogo de Usos e Costumes), mas também a primeira representação cartográfica que abrange apenas as suas margens e que veremos mais adiante.

2. Cartografia e cruzamento com outras fontes

Como base da investigação, procura-se aliar a cartografia existente (antiga e moderna) com fotografias, descrições e vestígios do que foram as estradas, a toponímia, e algumas construções datadas, de forma a tentar perceber como se organizaria este espaço na época que se pretende estudar.

Desta forma, foi recolhida a sequinte cartografia, por ordem cronológica, para nos ajudar neste processo:

- 1759 *Planta do Castello da Villa de Vianna*, José Martins da Cruz (ajudante de Infantaria e Engenheiro da província do Minho, 4cm = 50 braças;
- 1782 Carta Chorographica das correntes do rio Lima desde Villa Mou ate a foz Lima, Francisco Pinheiro da Cunha (ajudante de Infantaria com exercício de engenheiro), 1409 braças = 234mm;
- 1863 *Plano Hydrographico do Rio Lima*, General Filipe Folque, 1:2 500;
- 1868/1869 Carta Cadastral da Cidade de Viana do Castello, Oficiais do Exército A.
 G. T. Ferreira e E. V. Salgado, 1:500;
- 1869 1ª Direcção Hydraulica. Melhoramento do Porto de Vianna do Castello, sem autor, 1.2 500;
- 1942 *Viana do Castelo. Planta Aerofotogramétrica*, Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos (SEPAL). Ministério das Obras Públicas e Comunicações, Comissão de Fiscalização dos Levantamentos Topográficos Urbanos, 1:1 000;
- 1949 *Carta Militar de Portugal, folha nº40 (Viana do Castelo)*, Serviços Cartográficos do Exército, 1:25 000;
- 1974 Carta Cadastral de Viana do Castelo, 1:10 000;
- 1975 *Carta Cadastral de Viana do Castelo*, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1:2 000

De salientar aqui, apesar da lista ser extensa, a dificuldade em encontrar cartografia que represente a totalidade da freguesia. Como a Meadela faz fronteira com Santa Maria Maior, já pertencente à cidade de Viana do Castelo, encontramos apenas um trecho muito curto do seu território, que vai normalmente até à capela de São Vicente ou às Azenhas de Dom Prior, cujo Ribeiro de S. Vicente (Fornelos ou Seitas) divide. Apenas a partir de 1974 é possível ter um registo de toda a freguesia com bastante pormenor, excepção feita às cartas de 1782 (onde aparece a margem do rio Lima e poucas indicações) e à de 1863, também junto à margem mas bastante mais detalhada. Este facto vem portanto provar a grande dificuldade que é estudar um espaço rural para épocas anteriores ao século XX sob o ponto de vista cartográfico, à excepção de alguns casos em que se justificou produzir cartografia específica.

São igualmente de grande relevância algumas gravuras e desenhos que nos mostram o espaço e alguns dos seus elementos, de forma a conseguirmos reconstituir as suas alterações. Curiosamente, na metade oriental da freguesia, onde a informação cartográfica é mais escassa, abundam os registos fotográficos, sobretudo no lugar de Portuzelo, considerado na época romântica um local extremamente pitoresco.

Para além de toda esta informação devemos destacar igualmente a enorme importância da recolha e confirmação oral, sobretudo no que diz respeito à toponímia e ao construído alterado ou desaparecido, que acaba por complementar algumas lacunas que a cartografia e as imagens não esclarecem ou não abarcam. Também os registos prediais das Finanças, embora só existam aqui a partir de 1937, são essenciais para a identificação de algumas construções e terrenos.

Toda a informação retirada destas fontes e das escritas será vertida em duas bases de dados que estão neste momento a ser desenvolvidas em parceria com a Oficina do Mapa da FLUP e que se referem a ocorrências paisagísticas e à propriedade propriamente dita, seja esta rústica ou urbana. Desta forma, esperamos ser possível criar um cadastro histórico do território, sendo a freguesia da Meadela um espaçoprotótipo que servirá como ponto de partida para o estudo de outros territórios com as mesmas características paisagísticas de propriedade minifundiária. Aliado a este objectivo, e com a ajuda de outra base de dados já desenvolvida pelo NEPS (Universidade do Minho) no âmbito das reconstituições paroquiais iniciadas pela professora Norberta Amorim, seguida por outros investigadores, e continuada por

mim para a freguesia da Meadela², será possível fazer corresponder, a cada propriedade, o respectivo dono e construir a rede que tem por núcleo a casa de lavoura, tentando compreender igualmente como esta vai sucedendo na família.

3. A Meadela como caso de estudo

O território da Ribeira Lima, no qual se inclui a freguesia da Meadela, orienta-se ao longo do rio homónimo e constitui-se de aldeias dispersas e extensas veigas de cultivo a baixa altitude ladeadas, por um lado, por pequenos montes que abastecem de mato as populações que vivem no vale e, por outro por um sistema fluvial que inclui não só o próprio rio e os produtos que ele fornece, mas também juncais, ínsuas, salinas e outros terrenos similares, é diametralmente oposto às vivências de um Noroeste mais montanhoso, onde as aldeias se agrupam em aglomerados fechados, recorrendo a socalcos escavados nas encostas pois a terra fértil é escassa, e alternando verticalmente entre "brandas" e "inverneiras".

Esta freguesia situa-se no limiar entre a cidade e o campo, espraiada entre os vales do ribeiro de Fornelos (ou São Vicente) e Portuzelo, com as suas respectivas veigas de cultivo, e encabeçada pelas vertentes da Costa, Cova e S. Francisco³, já na encosta do monte de Santa Luzia.

Como base da investigação, como já vimos, procura-se aliar a cartografia existente (antiga e moderna) com fotografias, descrições e vestígios do que foram as estradas, a toponímia, e algumas construções datadas, de forma a tentar perceber como se organizaria o espaço na época que se pretende estudar. Portanto, a datação de ocorrências paisagísticas e reconstituição de alguns trechos na paisagem basear-se-á em três pontos essenciais:

- A sobreposição dos vários elementos cartográficos para compreender as mudanças;
- A recolha da toponímia através das várias fontes, incluindo orais;
- A associação a esta leitura de outros recursos como a fotografia, documentação escrita, etc..

.

² De referir que a base de dados para a freguesia da Meadela foi já começada por Glória Solé no âmbito da sua tese de Mestrado "Meadela, comunidade rural do Alto Minho: sociedade e demografia (1593-1850)", e será por mim corrigida e acrescentada até meados do século XX.

³ Ou *Fonte Verde*, como é nomeada na última repartição dos montados da Meadela. "Acta da sessão de 23 de Abril de 1883". Livro 1 de Actas da Junta de Paróquia da Freguesia da Meadela (09/11/1874 a 23/04/1883), fl. 138v.

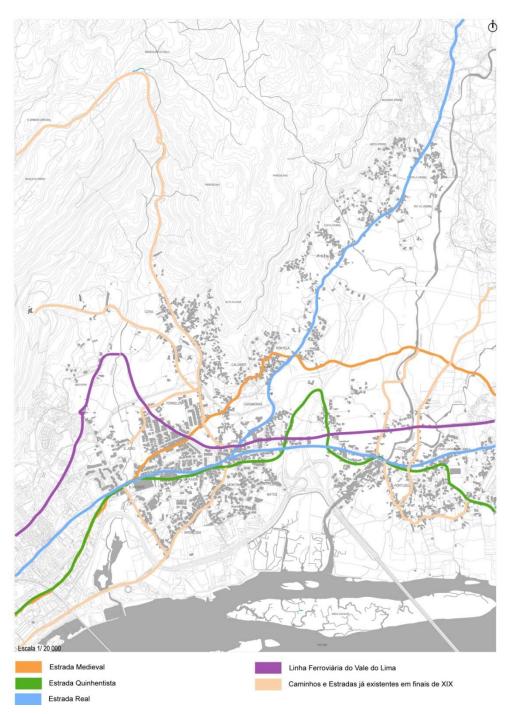


Fig. 3 – Estradas e Caminhos que passavam na Meadela desde a Idade Média ao século XX. Desenho da autora com base no terreno e em ARAÚJO (1962). Sem escala.

Com os elementos territoriais e a preciosa ajuda da obra de José Rosa de Araújo, *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima*, conseguiu-se estabelecer, grosso modo, o traçado das vias existentes antes da construção da Estrada Nacional 202, antiga Estrada Real, construída em finais do século XIX (as expropriações de terrenos na Meadela datam de 1867)⁴: a via medieval, mais a norte desta, e a via quinhentista que partia do Campo do Forno (actual praça da República) em direcção a Ponte de Lima, com

_

⁴ Sobre o antigo acesso que foi substituído pela Estrada Nacional 302, da Meadela a Outeiro, outra antiga Estrada Real iniciada em 1871, não aparece aqui informação. Em meados dos anos 80 do século XIX, já esta estrada estaria construída nos limites da Meadela com Santa Marta, já que uma das casas do lugar de Portuzelo que segue o seu alinhamento, data de 1885.

traçado mais próximo da actual [ARAÚJO, 2006 (1962), p. 51-53 a 61-63]. De referir igualmente a importância da construção da Linha Ferroviária do Vale do Lima, que apesar de nunca ter sido terminada deixou marcas visíveis na organização do território, a partir do início do século XX, como o traçado do largo onde se situaria o apeadeiro da Meadela, hoje Praça do Vale do Lima, em memória dessa obra. Mais recentemente, a partir dos anos 90 do século XX, a A27 e A28, introduziram novas lógicas que acabaram por apagar, em muitos troços, as antigas.



Fig. 4 – Vestígios no território da linha ferroviária do vale do Lima, nunca concluída. Google Earth, 2013.

É interessante perceber como as vias mais antigas (sobretudo a medieval e a quinhentista), conjugadas com alguns edifícios que as ladeiam, nos dão pistas sobre a organização do território em épocas mais recuadas.



Fig. 5 – Quinta da Cruz. Foto da autora, 2010.



Fig. 6 – Quinta de Paredes. Foto da autora, 2010.



Fig. 7 – Ponte do Arco. Foto da autora, 2013.

É disso exemplo a via medieval (a laranja na figura 3), que passa em edifícios-chave ainda existentes, como (de poente para nascente): a quinta do Ameal e respectiva ponte, propriedade da família Abreu Lima (cujo primeiro vestígio data do século XVI), a capela de São Vicente (já referenciada na Idade Média), por baixo do passadiço da Quinta da Cruz (dos Antas Puga), mais para adiante várias antigas casas agrícolas em direcção ao Calvário e quinta da Presa, junto à Casa de Paredes (datada de finais do século XV, inícios de XVI), entrando na veiga de Paredes e passando à freguesia de Perre pela ponte medieval do Arco e mais à frente das Abelhoas, entra em Santa Marta de Portuzelo, depois de passar o cruzeiro dos Picoitos pela ponte sobre o Ribeiro de Santa Martinha, cruza a igreja paroquial, e dirige-se ao rio Lima até ao sítio do Embarcadouro do Pinheiro, onde passava a barca para a veiga de São Simão, freguesia de Darque. Sobre esta mesma via refere Almeida Fernandes, em 1977, que ainda se podiam ver vestígios de calçada romana entre a capela de S. Vicente e o Calvário, hoje completamente desaparecidos (FERNANDES, 1994, p. 105-106)⁵.



Fig. 8 – Capela e cruzeiro de Nossa Senhora da Penha. Foto da autora, 2013.

.

⁵ Que ele identifica como sendo vestígios de uma estrada romana que ligaria o porto de Darque a Talábriga (limiana), um *castellum* que aqui teria existido.



Fig. 9 – Ponte oitocentista de Portuzelo. Foto da autora, 2013.

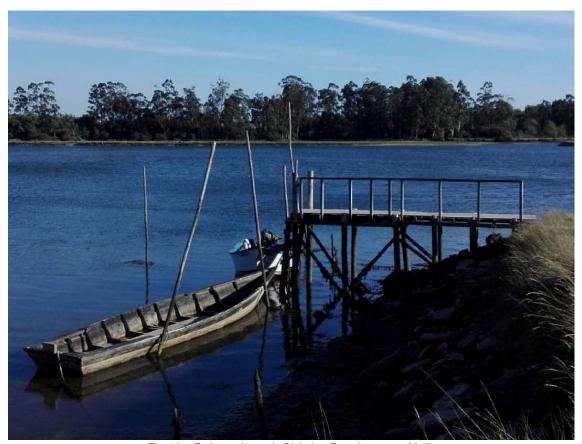


Fig. 10 – Embarcadouro do Pinheiro. Foto da autora, 2015.

Pela mesma capela de S. Vicente, vinda da rua da Bandeira e Campo do Forno de Viana (hoje Praça da República) passava também a via quinhentista, correndo mais a sul que a anterior. Seguia pela capela particular e cruzeiro de Nossa Senhora da Penha na antiga quinta da Bessa, hoje desmantelada, chegava ao cruzeiro da igreja da Meadela e descia pelo caminho íngreme até à igreja velha (dessacralizada e abandonada no final do século XVII, onde existiu igualmente uma antiga *villa* romana), fazia um desvio junto à já referida quinta de Paredes para contornar o pequeno rego de água que atravessava a referida quinta e desaguava nas salinas, atravessava o sítio da Ventela no lugar de Portuzelo, seguia pela Estrada Velha e atravessava o ribeiro de Portuzelo numa antiga ponte de poldras, a montante da actual (apenas construída em finais do século XIX), fazendo sensivelmente o percurso da actual estrada nacional 202, subindo outro caminho antigo junto à casa dos Parandangos em direcção ao Souto da Silva, já em Santa Marta de Portuzelo, e daqui, novamente, ao Embarcadouro do Pinheiro.





Fig. 11 – Planta do Castello da Villa de Vianna, 1759, feita por José Martins da Cruz, ajudante de Infantaria e Engenheiro da Província do Minho e excerto da mesma representando o final da actual Rua da Bandeira, à entrada da Meadela, com a capela de S. Vicente e a capela e cruzeiro da Senhora da Penha. Da primeira capela partiam duas estradas: a de Perre (a norte) e a que seguia para Ponte de Lima (a sul). Câmara Municipal de Viana do Castelo.

As Estradas Reais, depois praticamente decalcadas pelas nacionais, seguiam um traçado muito próximo da quinhentista, tendo sido construídas, aqui, em finais do século XIX.

Foi ainda possível, através da datação de algumas construções, de depoimentos orais, visitas ao terreno e cruzamento com a cartografia disponível, registar o traçado de alguns caminhos de menor importância já existentes em meados/finais do século XIX:

- O da Argaçosa e do Ameal, que passa junto às Azenhas de Dom Prior, e que desenvolveremos mais adiante;
- O caminho da Meadela (no lugar da Cova) em direcção a São Mamede, Areosa, no cimo do monte de Santa Luzia;
- O caminho para o Convento de São Francisco do Monte, que passa em duas antigas casas nobres: a quinta dos Rubins e a da Boavista, dos Távoras;
- O caminho do lugar de São João onde existia a primitiva capela gótica hoje desaparecida, a fonte de mergulho do século XVI, e algumas quintas e moinhos;
- E no lado oriental, no lugar de Portuzelo, o caminho da Eira Velha, que atravessa toda a aldeia até Santa Marta de Portuzelo, que partilha este mesmo lugar, derivando para a freguesia de Perre através da Veiga de Paredes: um dos caminhos seguindo junto ao rio, pelo sítio do Moinho de Vidro e das Arcas até à Ponte do Arco, e o outro, atravessando a Ribeira de Santa Martinha numa pequena pontelha, passando na antiga propriedade dos Espregueira Mendes, e chegando à pequena ermida de Nossa Senhora do Olival, que segundo Almeida Fernandes, foi cabeça de uma circunscrição sueva, pois consta do mesmo paroquial.

A datação de algumas construções é igualmente essencial para que possamos determinar um período a partir do qual certo caminho já existiria. De uma forma directa podemos encontrar, nas padieiras de portas, janelas e portões, datas referentes à construção, ou quanto muito reconstrução, de alguns edifícios ou outros elementos como alminhas, cruzeiros, fontes, etc..



Fig. 12 – Marcos de delimitação das freguesias e do morgadio de Paredes. Fotos da autora, 2010.

Outro dos meios de datação directa, embora mais raros, são os marcos de delimitação de freguesias ou propriedades nobres ou eclesiásticas. Neste território podemos encontrá-los sobretudo no seu limite oriental, onde a freguesia da Meadela faz fronteira com a de Santa Marta de Portuzelo, e traduzem-se sobretudo em marcos de pedra colocados junto aos muros ou inseridos nos mesmos contendo, neste caso, o brasão da família Bezerra (de costas para a Meadela) pois nesta área existiu um morgadio desde o século XVI; também é comum encontrar marcos com a cruz de Cristo (de costas para Santa Marta), pois esta freguesia foi uma Comenda da Ordem de Cristo, um dos quais datado; e finalmente, menos comum, um marco mais tosco com um "M" gravado, referindo-se naturalmente à freguesia da Meadela e voltado a Santa Marta. Aliado a estas marcas territoriais temos, para além da divisão das freguesias, feita no século XVIII pela iniciativa do Abade João de Barros, da Meadela, temos uma escritura do século XII que fala nestes limites, por terem sido os mesmos de um couto monástico beneditino (passando depois ao referido morgadio) pertencente ao mosteiro de São Justo de Toxos Outos, na Galiza.

4. O lugar da Argaçosa



Fig. 13 – Excerto da "Carta Chorographica das correntes do rio Lima desde Villa Mou ate a foz Lima" elaborada por Francisco Pinheiro da Cunha (ajudante de Infantaria com exercício de engenheiro) em 1782, que representa o lugar da Argaçosa, na freguesia da Meadela. Câmara Municipal de Viana do Castelo.

O espaço desta freguesia que aparece mais vezes documentado na cartografia do século XIX é sem dúvida o lugar da Argaçosa por se situar junto à fronteira com a freguesia de Santa Maria Maior, já pertencente a Viana. Do século XVIII temos já uma representação pouco pormenorizada, em 1782 de como seria esse espaço: completamente aberto para o rio Lima (pois ainda não se tinha construído o moinho de maré), aparecendo um extenso areal quando a maré estava baixa, e assinalando-se a existência de um antigo cais (o chamado "cais velho"), que serviu outrora de estaleiro para a construção de navios.

Em 1803, António de Araújo, abade de Lobrigos, pede autorização à Câmara de Viana para drenar este terreno e o tornar cultivável, o que não deve ter surtido grande efeito, já que em 1805, como se descreve no *Epílogo de Usos e Costumes* da Meadela, se refere a existência de salinas neste local⁶. Pouco devem estas ter durado, já que quatro anos depois, em 1809, já se encontram registos do moinho de maré⁷ que mais tarde viria a ficar para a posteridade com o título do seu proprietário: as azenhas de D. Prior (já que este era Prior da colegiada de Barcelos).

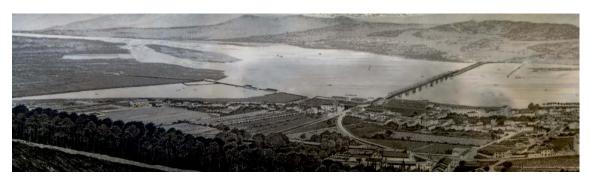


Fig. 14 – As Azenhas de D. Prior no século XIX. Exposição permanente patente no Centro de Interpretação e Monitorização Ambiental de Viana do Castelo.

A próxima representação leva-nos ao ano de 1863, aquando dos levantamentos para a regularização do rio Lima por Filipe Folque, na senda dos já realizados no Tejo, Mondego e Douro. Estas cartas serviriam como instrumento fundamental para o estudo das obras de fixação das barras para nos seus estuários se puderem construir os portos destinados a fomentar as trocas comerciais, já que esses locais não apresentavam até então mais do que uma incipiente actividade de cabotagem e pesca (ANTUNES, 2012, p.207-208). Mas a ambição de cartografar o Rio Lima, seus meandros e margens ao longo dos cerca de 33kms desde a sua foz até Ponte da Barca, que eram os dois objectivos iniciais, ficaram bastante aquém do realizado. Foram apenas realizados os levantamentos topo-hidrográficos com o detalhe inicialmente exigido até uma secção do rio situada nos lugares de Fontelo, na margem esquerda, e do Esteiro de S. Salvador, na margem direita, ambos a cerca de 10,25km da foz do Lima. Os restantes 12,75km até Ponte de Lima ficaram apenas esboçados e incompletos sob o ponto de vista cartográfico (ANTUNES, 2012, p.215).

Para este estudo, é fundamental a representação pormenorizada das construções, campos de cultivo e suas divisões, vinhas, indicação de noras e cursos de água, e sobretudo a toponímia, que servirá numa próxima fase para relacionar e identificar no terreno as designações de propriedade que surgem nos tombos e registos prediais, sobretudo no que diz respeito às propriedades rústicas, que se mostram extremamente difíceis de localizar.

_

⁶ VELLOZO, Francisco José Pereira (Abade). Epílogo de Usos e Costumes desta igreja de Santa Cristina da Meadela. 1805, fl. 535.

⁷ Exposição permanente patente no Centro de Interpretação e Monitorização Ambiental de Viana do Castelo.

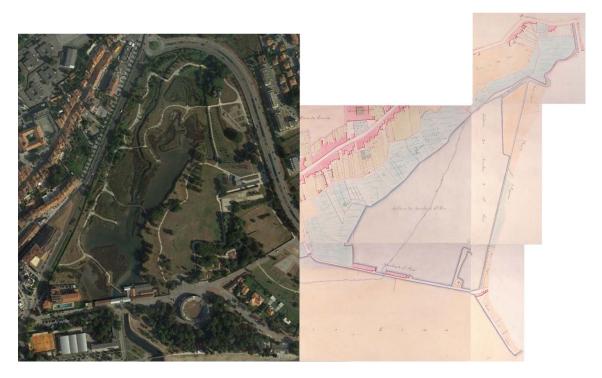


Fig. 15 – Azenhas de D. Prior e espaço envolvente actualmente e na Carta Cadastral da Cidade de Viana do Castello, de 1868-1869. Google Earth 2013 e Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Na sua próxima representação cartográfica, em 1868-1869, este local é desenhado igualmente com bastante detalhe, até porque parece ter sido feita a partir da carta anterior. Aqui podemos ver a proximidade com o rio Lima, ao contrário dos dias de hoje, em que grande parte daquele espaço, que aparecia como areal em finais do século XVIII, está actualmente aterrado e alberga algumas construções recentes, como a pousada da juventude, o clube de ténis e a praça de touros.



Fig. 16 – As Azenhas de D. Prior no século XX. Exposição permanente patente no Centro de Interpretação e Monitorização Ambiental de Viana do Castelo.



Fig. 17 – As Azenhas de D. Prior no início do século XX vistas do monte da Meadela. Colecção particular cedida por Luís de Amorim Abreu e Lima

Até meados do século XX manter-se-ia a pequena linha de caminho que por aqui passava e a grande quantidade de água que a caldeira das azenhas armazenava, não sendo hoje mais do que um pequeno fio de água. As bouças da Argaçosa desapareceram para dar lugar a equipamentos do actual parque da cidade, alguns caminhos ficaram intransitáveis e das noras para a rega dos campos só resta uma e inactiva. De registar também o desmantelamento da Quinta da Boa Vista, o desaparecimento dos paúis de Gontim e a transformação do pequeno caminho traseiro aos quintais das casas a sul da Rua da Bandeira no que é hoje a estrada da Papanata, assim como de dois moinhos nos limites entre as freguesias: o do Ameal e

um outro do qual o nome não ficou memória, bem como o miradouro em pedra desta mesma quinta, nos anos 80, aquando da construção do hipermercado Continente.

Mas nem tudo desapareceu: mantiveram-se os edifícios das azenhas, com alguns acrescentos à construção inicial e a quinta da Cordoeira com a sua casa quase intacta, embora o terreno esteja hoje dividido em lotes e o rio não se aproxime mais dos seus muros. Na verdade, tudo o que era água transformou-se numa praia fluvial.

5. Conclusões

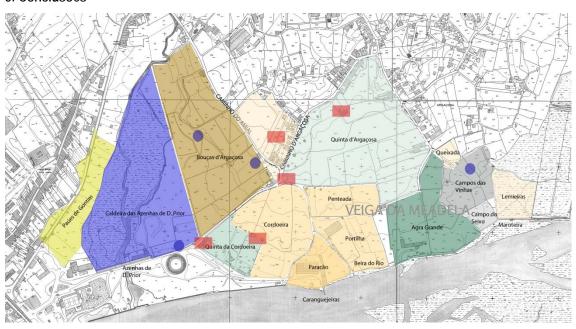


Fig. 18 – Sobreposição da informação retirada do Plano Hidrográfico do rio Lima, de 1863, com a Carta Cadastral de Viana do Castelo, de 1975.

Para uma sistematização da informação recolhida nas várias entradas de carácter topográfico, escolheuse como base a Carta Cadastral de Viana do Castelo de 1975, escala 1:2 000 por apresentar, por um lado, o maior detalhe e, por outro, por se situar cronologicamente no limite deste estudo, que pretende analisar a temática da paisagem e da propriedade até meados do século XX. Em alguns trechos muito pontuais há falta de informação, pelo que será complementada pela de 1974 (escala 1:10 000).

A informação será compilada, numa primeira fase de recolha e com a ajuda das já referidas bases de dados que aqui serão posteriormente vertidas, em vários *layers* segundo a data de registos dessas ocorrências, podendo estes ser ligados e desligados consoante se quiser sobrepor ou não informação.

A título de exemplo temos o ano de 1863 com dados recolhidos através do Plano Hidrográfico do Rio Lima, de Filipe Folque. Aqui podemos constatar a diferença de terrenos que se traduz na diferença de cores, com a sua designação em cima, a preto, sempre que exista. Os edifícios já existentes nesta época são assinalados com rectângulos vermelhos e as estruturas relacionadas com a água (normalmente moinhos, azenhas e noras) com círculos azuis, faltando ainda o traçado das vias com linhas sobre o percurso antigo (à semelhança do mapa que foi apresentado no início, com as vias de diferentes épocas), bem como a sua designação à data. Da base de dados constarão igualmente outras informações como o nome do proprietário, a dimensão, o tipo de produção e outras informações que se considerem importantes e pertinentes.

Infelizmente, nesta fase do trabalho, apenas tivemos acesso a cartografia oitocentista em que não aparece representado o centro da freguesia e a sua zona oriental pelo que, para esses locais, apenas existe a carta corográfica de finais do XVIII e, muito posteriormente, a cadastral de 1974. Do Plano Hidrográfico de 1863 ainda não foi possível consultar as restantes planchetas, que estão guardadas no Instituto Geográfico Português, pelo que se optou por não apresentar com mais detalhe outros lugares à excepção da Argaçosa.

Temos consciência, no entanto, que a informação mais detalhada apresentada na cartografia, especialmente nesta última, e para os séculos XVIII e XIX, se restringe muito às margens do Lima e seus territórios anexos, devido à grande importância que a navegação e o transporte de mercadorias tinha nesta região, e de que é primeiro testemunho cartográfico a carta corográfica das correntes do Lima, de finais do século XVIII. Dessa forma, serão as outras fontes – escritas, orais e a fotografia – que nos auxiliarão na reconstrução, senão de todo este espaço, de alguns trechos do mesmo onde esse processo seja possível e eficaz.

Referências Bibliográficas

AMÂNDIO, Bernardino. *O Engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas e os Portos de Mar de Esposende em 1795 e Viana em 1805.* Viana do Castelo: Edição dos Amigos do Mar, 1994

ANTUNES, Vasco Filipe Costa. Acerca de umas chapas metálicas com algarismos em relevo existentes na zona baixa de Viana do Castelo. *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, Tomo 46, p.195-234, 2012

ARAÚJO, José Rosa de. Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima. Rotary Clube de Viana do Castelo, 2006

BEZERRA, Manuel Gomes de Lima. Os Estrangeiros no Lima, vol. II. 1785

FERNANDES, A. de Almeida. *Meadela Histórica*. Viana do Castelo: Paróquia de Santa Cristina da Meadela (Ecos da Meadela – 1977-1990), 1994

RIBEIRO, Arthur Maria. Pelas Margens do Lima – Saudades do Minho. *Branco e Negro*, semanário ilustrado, nº73: Lisboa, 22 de Agosto de 1897, p. 324

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Etnografia portuguesa*, Volume III. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1980

Atas do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, 4 a 7 de Novembro de 2015. Braga, Portugal.